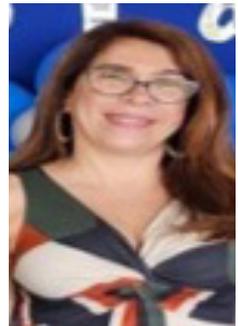


Capítulo 11

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Carmen Lúcia Crespo Pinto



“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim não morre jamais.”

Rubem Alves



Filha de Terezinha Delfina Crespo, que muito se preocupava com a educação, os estudos, o crescimento intelectual, a posição da mulher dentro do campo de trabalho e com a independência feminina em todas as esferas – financeira, emocional, profissional, ela sempre teve essa preocupação comigo, porque queria muito estudar e não teve essa oportunidade, pois o pai não a permitiu. Meu avô dizia que mulher deveria aprender a cozinhar, lavar, passar e cuidar da casa. Então, só seus irmãos puderem frequentar a escola. As filhas mulheres, não.

Por isso, antes dos seis anos, a idade para iniciar na antiga classe de alfabetização no município, ela me colocou em uma professora particular para já começar a aprender a ler e escrever. Essa professora de alfabetização me marcou muito. Era uma professora muito querida e eu lembro que, no final do ano, ela ofereceu presentes aos alunos. E eu ganhei uma camiseta cheia de gatinhos vermelhos. Aquilo me marcou muito. Eu tenho a imagem dessa camiseta até hoje. São pequenos gestos que os professores fazem, mas com tanta afetividade, com tanto amor, que marcam toda a vida de uma pessoa.

Passado esse ano, uma experiência extremamente agradável com essa professora particular e os coleguinhas de turma, fui matriculada na Escola Municipal Rotary, na Ilha do Governador – RJ, onde iniciei os meus estudos acadêmicos, com seis anos.

Meus pais, neste período, precisaram sair do local onde morávamos para outro bairro. Então fui transferida para a Escola Municipal Holanda, também na Ilha do Governador. Ao chegar nessa escola, eles olharam o meu material e falaram para minha mãe: “Ah, é uma menina muito cuidada!”. Meu uniforme era impecável. Meu cabelo era liso, escorrido, super escovado. E meus cadernos eram organizados, com a letra muito bonita. A diretora disse para minha mãe que eu devia ir para a turma da professora Íris, para onde eu fui, e tive contato com as professoras Íris, Vera e Valéria.

Ao cursar o 4º Ano, novamente veio aquela preocupação da minha mãe, que buscou o acompanhamento de uma professora particular para mim, porque eu iria para o antigo Ginásio, que atualmente seria o 6º Ano do Ensino Fundamental II. Nessa época, meu sonho era estudar em um colégio em que eu passava em frente e olhava. Era o colégio particular Olavo Bilac. Então, meus pais fizeram um esforço e me matricularam lá.

Foi uma alegria imensa. Havia um espaço e um uniforme diferentes, pessoas distintas, tudo era novo... E a realização de um desejo muito grande em fazer parte disso. Foi nesse colégio que comecei a despontar meu interesse pela arte. Existia uma banda de música, da qual eu fiz parte até terminar o ensino médio. Esse período foi para mim também a primeira formação de professora: o antigo Curso

Normal. Assim, até meus dezessete anos, estudei e participei da banda musical do colégio.

Durante o Curso Normal, tive a oportunidade de ter aulas de teatro, além da literatura. Ali eu me encontrei na interpretação de vários personagens em cena, no palco. E coincidia muito com a atividade do meu pai Waldomiro Tojeiro Crespo, que era zelador de teatro no Rio de Janeiro. Ele trabalhou em importantes teatros como Gláucio Rocha, Rivaldo, Cacilda Becker, e me levava junto. Eu ficava escondidinha, assistindo às peças. Alguns artistas presenteavam meu pai com livros sobre arte. Ele gostava muito, porém, como não sabia ler, levava-os para mim. Eu adorava e já cultivava esse gênero de leitura – sobre arte, literatura, dramaturgia – com muito prazer.

Um pouco mais à frente, ao me formar, fui escolhida como oradora da turma. Já me destacava não só pelas interpretações e atuações nas peças, mas também como aluna, sempre comunicativa nas apresentações de trabalho e nas interações em sala de aula. Nesse momento, tive a honra de ser indicada pelo colégio Olavo Bilac como professora para outra escola.

Então, comecei a trabalhar com 18 anos, lecionando para crianças. Nessa idade, eu trabalhava durante o dia e continuava estudando à noite, no curso de especialização em educação infantil, no colégio Estadual Julia Kubitschek. Após um ano desse curso, ao concluir, continuei lecionando na mesma escola. Ao final do segundo ano nessa escola, surgiu a oportunidade de me submeter a uma entrevista no Colégio Batista Shepard, um colégio convencional no bairro Tijuca. E eu fui com uma colega participar da entrevista com os coordenadores e pedagogos.

Para minha surpresa, recebi em uma carta o comunicado de que eu havia sido selecionada para o cargo. Fiquei muito feliz. Ao final do ano, pedi demissão ao colégio que lecionava e, no ano seguinte, comecei a trabalhar efetivamente no Batista Shepard.

Nesse novo espaço escolar, dentro do campus, havia o seminário Batista Teológico do Sul do Brasil, onde passei dois anos estudando em um curso técnico de música. Depois, apliquei-me em um vestibular para Educação Artística, licenciatura em Música. Eis aqui, meu ingresso no Conservatório da faculdade UNISUAM, na qual estudei durante quatro anos.

Enquanto cursava o terceiro ano da faculdade, o colégio em que trabalhava me convidou a migrar da sala de aula com as turmas da educação infantil para lecionar Música. Nesse tempo, eu ministrava aulas para as turmas de educação infantil e para as de alfabetização, além das do 1º ano do ensino fundamental.

Ao completar a formação universitária, o colégio me convidou para trabalhar no segundo segmento com as turmas de 6º, 7º e 8º anos. Além disso, nesse

período, a coordenadora de Artes me chamou para desenvolver em parceria o projeto “Música na escola” com metalofones, instrumentos de percussão melódicos. Para mim foi uma experiência fantástica, porque a professora Ana Cristina Ribeiro da Silva foi uma excelente coordenadora e companheira de projeto. Aprendi tanto com ela, como professora de música, como artista e com as nossas apresentações.

Tivemos o privilégio de atuar juntas no colégio Batista Shepard, que sempre valorizou muito as artes e todas as iniciativas artísticas. Assim, tínhamos uma sala de música para cada segmento do colégio com piano, uma sala de artes visuais, e uma sala de teatro. E os estudantes passavam por essas três linguagens, quão rica fora a experiência desse projeto.

Durante esse período que estive no colégio e no término da universidade, após um ano formada, apliquei-me em um concurso para o município do Rio de Janeiro, no qual fui aprovada e comecei a dar aulas no colégio municipal em Santa Cruz. Permaneci lá por dois anos, dando aulas de música, enquanto seguia lecionando no colégio Batista Shepard.

Diferente do colégio Batista, na escola em Santa Cruz não havia materiais nem salas específicas para o estudo. Ao final de dois anos, atuante nessa escola do município e com um pouco mais de prática e experiência, vivenciando a diversidade dos estudantes nesse outro ambiente, eu me encontrava na sala de uma queridíssima professora de música que marcou muito minha vida. Yara Dias deu-me aulas na universidade e, quando terminei a faculdade, continuei meus estudos de piano com ela, em sua residência.

Foi então que, em uma dessas aulas, ela comentou comigo sobre um concurso que haveria na Aeronáutica. A vaga era para lecionar no colégio Brigadeiro Newton Braga. E falou sobre uma outra aluna que tinha se formado há um semestre, a Aninha, que também iria se aplicar a esse concurso. Até brinquei com a professora: “Ah, esse concurso é muito difícil! Não é para mim, não... Ainda mais que a Aninha vai fazer! Uma vaga já é dela.”.

Esse concurso acontecia de dez em dez anos e, para aquele ano, só havia duas vagas. Mas, com o estímulo da professora Yara, lembrando-me do valor da experiência e do aprendizado que poderiam ser conquistados, saí da aula, fui direto ao colégio me informar e já me inscrevi no tal do concurso. Naquele momento, pensei comigo: “Bom, agora que estou inscrita, vou me preparar.”. Comecei com o apoio das professoras Yara e Ana Cristina, além da ajuda da professora de teatro do colégio Batista Shepard, pois no concurso eram exigidas todas as linguagens – além da música – nas várias provas.

Quando chegou o dia da primeira prova, para minha surpresa, encontrei uma professora da faculdade concorrendo à vaga. Fomos realizando as etapas

das provas, em que muitos candidatos foram eliminados, até o momento em que haveria uma prova em formato de aula. Então, nesta última prova, os organizadores sortearam o conteúdo vinte e quatro horas antes. Além disso, uma canção do livro “O Cancioneiro de Villa Lobos”, com a qual deveríamos trabalhar integrando o conteúdo ao ensino da canção.

Eu não tinha tal livro – fundamental para o preparo da prova na etapa final. Ao falar com a professora Yara, ela me indicou que fosse à biblioteca do colégio, onde provavelmente eu encontraria esse cancioneiro. E lá eu fui. Ao entrar no colégio, deparei-me com a professora Mônica, que havia ido ao colégio para sortear o conteúdo dela para a prova. Também me perguntou se eu estava indo lá para isso. Respondi-lhe que não, pois já havia sorteado, porém não tinha o livro indicado para estudar a música, que era “O Anel”. Lembro-me bem do título da música até hoje!

Então a professora Mônica, que já era doutora, prontamente, sem me conhecer, ofereceu: “Eu tenho na minha casa, vamos até lá buscar! Você pode pegar o livro e tirar uma cópia da música para estudar e dar sua aula amanhã.”. Eu fiquei encantada com aquela disponibilidade e tamanha generosidade em ajudar uma pessoa desconhecida. Gesto esse que a professora da universidade, que também estava concorrendo à seleção, não teve para comigo, mesmo tendo o livro.

Lembro-me como se fosse hoje: entrei no carro dela, um fusca beje, e fomos até a sua casa. Eu perguntei se ela gostaria de ficar com a minha identidade, enquanto eu levaria o livro para a cópia, e ela nem isso: “Que nada, imagina!”. Fiz a cópia, devolvi o livro e lhe agradei muito. Só me restava ir para casa estudar.

Naquele dia, então, passei horas e horas dando aula sozinha – como na minha infância. Contudo, quando criança, eu dava aula para as bonecas. Ali, eu estava dando aulas no meu quarto, imaginando uma turma de alunos. Estudei e treinei bastante a música, pois já tinha o meu piano, fruto de muito trabalho e economias.

Nessa época, eu já dava aulas com o projeto “Música na escola com metalofones”, no colégio Batista Shepard. Então, pedi à diretora o metalofone emprestado e, no dia seguinte, na prova aula, eu o levei. Expliquei à banca, quatro professores dos quais apenas um era do estado do RJ, e dei a minha aula.

Nessa época, estavam na moda as casas de bingo. Eu fiz a minha aula tirando o tom com o instrumento. As outras candidatas – éramos seis nesta etapa final – levaram teclado, caixa de som, etc. E eu, como não tinha carro, falei aos alunos imaginários que, como eles sabiam, a professora não tinha carro, então nós íamos cantar tirando o tom com o metalofone – um instrumento pequeno que dava para carregar na bolsa.

Assim, ensinei a música e trabalhei o conteúdo sorteado para mim: ritmo. Em seguida, fiz uma avaliação da aula com um bingo, no qual eu convoquei a banca

para participar. Eu batia o ritmo e eles deveriam descobrir se dentro da cartela de cada um havia aquele ritmo – se sim, deveriam marcá-lo. O vencedor ganharia um prêmio que eu tinha levado. A banca participou como se fossem realmente alunos. E ao terminar minha aula, cinquenta minutos cravados, eles estavam encantados. Fizeram-me várias perguntas.

Nessa época, eu ainda não tinha nem especialização, pois havia sido selecionada no colégio municipal logo que terminei a faculdade, concomitante ao trabalho no colégio particular Batista Shepard. E, para minha surpresa, passei em segundo lugar neste concurso da Aeronáutica, com a nota 99 na prova de aula. Em primeiro lugar passou a professora Dr^a Mônica, quem me emprestou o livro do cancionero. E a minha professora da universidade não passou. Isso provocou um grande burburinho nos corredores da universidade – eu só fui saber um pouco depois. Sou grata a professora Yara Dias por incentivar a fazer o concurso e principalmente, fazer-me acreditar que era possível quando temos um propósito e Deus confirma nossos sonhos.

Dali em diante, começou a minha jornada no colégio militar Brigadeiro Newton Braga. Junto a isso, tive a oportunidade de pedir minha transferência do município de Santa Cruz para a Ilha do Governador. E fui trabalhar no colégio municipal Brigadeiro Eduardo Gomes. As pessoas brincavam comigo que eu era “a professora dos brigadeiros”.

Chegando no colégio municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, propus à direção realizarmos o mesmo projeto que eu desenvolvia com a professora Ana Cristina no colégio Batista Shepard, desde que a escola comprasse os instrumentos. Assim, a diretora acreditou no projeto e abraçou a proposta, comprando a metade dos metalofones necessários para as aulas. Nós tínhamos quarenta alunos em sala de aula, portanto ela providenciou vinte unidades. Foi aí que chegou uma nova professora de música: Lilian Maria Neves Leite. E ela foi para mim uma parceira maravilhosa, assim como a Ana Cristina.

Na caminhada como professora de música, tive a felicidade de ter por perto essas duas professoras, pessoas maravilhosas com quem aprendi muito e com quem compartilhei minha vida. Tornaram-se grandes amigas, para além da profissão: amigas íntimas, companheiras e irmãs. E o são até hoje. Por isso, minha ênfase em trazê-las também neste registro tão importante de minha biografia.

Juntas, desenvolvemos um projeto no 5º ano, que começava com as canções folclóricas. Eu trabalhava com o 5º e o 6º anos e a professora Lilian, com o 7º e o 8º, até chegar no 8º ano tocando as músicas eruditas. Então, eles tocavam Mozart, Beethoven, entre outros, nas apresentações. E, a partir dessas apresentações começamos a sermos conhecidas e reconhecidas tanto pelo município como por

entidades, tal como o Rotary Clube. Ao apresentarmos o nosso trabalho, o Rotary da Alemanha se interessou e doou quarenta instrumentos – metalofones – novos para o colégio, além de realizar uma entrevista conosco. Assim, estava garantido o instrumento a todos os alunos. Porque a arte é também sobre a criatividade a serviço da inclusão, fazer e multiplicar algo de bom com aquilo que já temos.

Nesse momento, pedi demissão do colégio Batista, porque estava muito cansada trabalhando em três escolas. Permaneci no colégio Brigadeiro Newton Braga e no colégio municipal Eduardo Gomes.

No Newton Braga, eu trabalhava também com a flauta doce incluindo toda a turma – hoje em dia fico pensando em como foi possível realizar isso. Provavelmente porque eles contribuía com uma disciplina impecável: cada grupo aguardava o momento de cada um tocar, lia a partitura tocando – tal como fazíamos no municipal. O nosso trabalho com a música se dava por um viés integrativo, na medida em que unia teoria e prática, o que era fantástico. Os alunos lia a partitura com muita facilidade. E com prazer, pois estavam praticando através do instrumento.

Lembro-me de um dia em que a diretora professora Branca passou pela sala – a porta estava aberta – e viu esta linda cena: todas as pastinhas pretas abertas e os alunos tocando a flauta e lendo a partitura. Ela permaneceu parada contemplando – encantada com aquele espetáculo. Quando terminamos, ela adentrou a sala, aplaudiu, elogiou, e eu fiquei muito contente, pois era notório que os alunos ficaram felizes.

Um professor se alegra quando o aluno conquista o conhecimento, quando coloca em prática, e quando ele é feliz enquanto pratica o aprendizado – é um conjunto. E posso dizer que para nós, professores de arte – independente da linguagem artística –, essa é a maior compensação.

Depois de alguns anos no colégio, reunimos os professores e partiu deles um pedido de formar um coro, um grupo de coral misto de professores e alunos do ensino médio, que estavam com a voz já bem definida. O ensaio era durante o nosso almoço – o almoço dos professores – no auditório. Era um grupo enorme. Fizemos várias apresentações, dentro e fora do colégio. Lembro-me que a primeira apresentação foi o colégio, à noite, e o auditório lotou, com pessoas sentadas e em pé. Vieram os familiares dos participantes que cantavam no coral. Foi uma época de muita alegria dentro da escola, esse movimento da música unindo, trazendo harmonia, momento de relaxamento e brincadeira, pois os professores também se tornavam alunos. Foi uma experiência muito gratificante e cheia de alegria, a qual não poderia deixar de mencionar.

No ano de 2013, fui acometida por um problema de saúde e precisei me afastar de ambos os espaços escolares. Era um câncer de tireoide, que exigiu afas-

tamento para uma cirurgia e um ano de tratamento. Passado esse período difícil, retornei com muita alegria. E as atividades como professora precisaram ser readaptadas, pois eu não alcançava algumas notas musicais mais agudas, apesar de o cirurgião ter tido muito cuidado e competência – o que permitiu ter minha voz sem nenhum dano. O meu timbre continuava o mesmo, mas não alcançava as notas mais agudas.

Dessa forma, fui readaptada no município para trabalhar com alunos que tinham muitas faltas. Conhecer os outros professores e as famílias, chamar os alunos, perguntar sobre o motivo de tantas faltas... Presença, escuta e acolhimento. Esse foi o trabalho que iniciei ali, para uma melhor compreensão do que estava acontecendo no colégio do município, Brigadeiro Eduardo Gomes.

Descobri, então, várias dificuldades pelas quais os alunos passavam. E em parceria com uma assistente social do município, conseguimos sanar todas as faltas ao final do ano. Não tivemos nenhuma reprovação por falta. Trabalhamos para que os estudantes não fossem mais reprovados e tivessem acompanhamento, pois tinham hipossuficiência e dificuldades familiares. E foi também neste ano, com essa satisfação, em que também me aposentei. Apesar de não ter me aposentado dando aulas de música, tive o privilégio de realizar esse trabalho e deixar os frutos com um bom legado.

Já no Colégio Brigadeiro Newton Braga, eu fui convidada, quando estava no período de readaptação, para ser a coordenadora dos professores de Artes. Como tínhamos aulas de música e aulas de artes visuais, eu achei oportuno para o momento iniciar uma especialização em História da Arte e, em seguida, uma especialização em Metodologias do Ensino das Artes. Ao final do quarto ano de coordenação, eu pedi para retornar para a sala de aula. E no quinto ano, estive como coordenadora e comecei a dar aulas de artes visuais.

Naquele momento, eu não poderia lecionar música, o que me abriu a oportunidade de também me reinventar. Descobri nas aulas de artes visuais uma nova linguagem pela qual fui me apaixonando e desenvolvendo com meus alunos. Através das muitas práticas acumuladas nas aulas de música, comecei a transferir para as aulas de artes visuais. Eu trabalhava os conteúdos na prática. Por isso, os estudantes utilizavam muito a única sala de artes visuais do colégio. No final do quinto ano de exercício nessa função, pedi para deixar o cargo da coordenação e permaneci apenas como professora de artes visuais.

Além do trabalho de artes visuais, convidada pelo professor Dr. José Carlos Pistilli, comecei a fazer um trabalho de artes cênicas com o projeto Guarani. Nesse período, desenvolvemos o projeto SEMEARTE, que tem várias partes. Uma delas é “O Guarani”, na qual trabalhamos o objetivo de respeito pela natureza e pelos povos

originários. Portanto, eu trabalhava com a música o “Guarani” de Carlos Gomes e com a literatura “O Guarani” de José de Alencar, além das artes visuais com os cartazes e as pinturas das cenas relativas às obras, culminando em uma peça, com a participação dos alunos, no auditório do colégio. Houve os ensaios, a confecção do cenário, a pintura do painel – que a professora Eliane Carrapateira, professora de Artes e artista plástica, ajudou a compor. Também foi importante a participação da Fabiana Mabel Oliveira de Azevedo – carinhosamente chamada por nós de Mabel –, professora da UFRJ. Ela trabalhou conosco especialmente na composição do “O Guarani”, no início do projeto SEMEARTE, e em várias frentes com outros professores.

E, na Semana da Cultura, que costumeiramente acontece no colégio em outubro, oferecemos a apresentação desse musical: a peça, a parte encenada, danças, alunos que tocavam e cantavam. Um trabalho completo das linguagens artísticas.

Esse projeto com os alunos do colégio Brigadeiro Newton Braga, em parceria com a escola de música UFRJ, foi um momento muito feliz, pois eu recebi muitos estudantes de Artes da UFRJ através do coordenador de estágio Alexandre Palma. Como temos esse convênio, estamos sempre trabalhando com esses estagiários. E levamos os alunos até a escola de música para assistirem óperas. Os próprios estudantes da UFRJ se reúnem e quem é aluno de Artes constrói a parte artística; quem estuda, toca ou canta música constrói a parte musical; e os estudantes de Artes da Cena (teatro) constroem a apresentação cênica. Então, essas três linguagens artísticas foram envolvidas e os alunos ficaram encantados com tal experiência.

Em 2020, com a chegada da pandemia, momento de grandes desafios para todos nós, eu já dava aulas de Artes e também tive a oportunidade de oferecer algo inovador.

Na pandemia, vivemos o ápice da superação do ensino das Artes e da Educação Física. Até então, eu usava o computador apenas para ler e enviar e-mails. Quando eu precisava de materiais escritos, em texto, eram feitos no colégio para mim pela Deise. Portanto, quando começou a pandemia e o colégio começou com as aulas online, de modo remoto, eu tive que aprender a lidar com esse instrumento e como produzir aula de artes no ambiente digital e aproveitar toda essa tecnologia a meu favor.

Foi uma experiência marcante. No início, os alunos me ajudavam com dicas práticas de uso, pois eles dominam essas tecnologias. Enquanto nós, professores, ficávamos preocupados se no dia seguinte a plataforma e a internet iriam funcionar, dentre outras questões. Como eu estava afastada, por isolamento social, em uma residência em Minas Gerais, apesar de ser uma internet até sem nome, foi a única

internet que nunca teve problemas em cair a conexão. Então, minhas aulas aconteciam tranquilamente.

E eu fui aprendendo e dominando cada vez mais, até criar uma atividade com os alunos, em que assistimos ao documentário “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz. Nesse período, estávamos trabalhando o neoclassicismo. E a partir dessa construção com sucatas e lixos, de o Vik Muniz criar obras de arte com aquelas pessoas, eu incentivei os alunos a usarem coisas que eles tinham dentro de casa para criar uma obra de arte que eles escolhessem, relacionado ao período que estávamos trabalhando. Eles poderiam utilizar os familiares ou a sua própria pessoa e pedir algum familiar para tirar a sua foto. O sucesso e o envolvimento desse projeto foram tão grandes, que chegou até a diretoria de ensino da Aeronáutica, e eu fui convidada a participar da primeira webinar com a participação da diretoria, das três escolas assistenciais e demais convidados.

Quando eu terminei a apresentação, recebi muitas felicitações e declarações dos colegas professores de que eu os representava. Isso foi uma honra para mim. Uma experiência única. E me deixou muito feliz o fato de ter construído esse trabalho com os estudantes reconhecido pela Aeronáutica e divulgado às escolas, com todo o processo compartilhado com os colegas professores.

Enquanto lecionava e realizava projetos, fui motivada a estudar no mestrado pelos professores já doutores e mestres do colégio Brigadeiro Newton Braga, principalmente pelo Dr. José Carlos Pistilli. E tive a oportunidade de participar de um curso feito pela professora Dra Jussara Cassiano, que esclarecia os gêneros da escrita acadêmica, como elaborar um projeto, como mencionar um autor, entre outras habilidades. Ela incentivava os professores a estudarem e a fazerem mestrado. E no final do curso, que ocorreu no ano de 2022, estava motivada para passar por mais um concurso: o mestrado.

No ano de 2023, fui buscar uma universidade mais direcionada para Artes. Encontrei a Escola de Artes Superior Célia Helena, voltada para a arte da cena.

Eis aí um retorno ao meu passado, tanto à infância, pela qual meu pai Waldomiro me levava ao teatro – enquanto ele limpava, eu brincava no palco – quanto à juventude, pela minha formação de professores, na qual eu fazia os teatros em literatura. Me reencontrei com as artes da cena. Me inscrevi. Fiz um projeto. Passei pela entrevista, fui avaliada e, mais uma vez: para a minha surpresa, fui classificada.

Em 2023, após esse período de pandemia e isolamento social, eu entrei para o mestrado “Artes da Cena”, na linha da Educação. Uma rotina de estudos, leituras, apresentação de trabalhos e produção de artigos. A minha proposta tem por objetivo demonstrar a transdisciplinaridade no ensino da arte, integrando os sa-

beres acadêmicos aos saberes da prática, unindo os espaços escolares aos demais espaços culturais da vida. Para isso, vou me utilizar das experiências – oficinas, vivências, viagens – do projeto interdisciplinar carinhosamente chamado de “Jequitinhonha”, que conecta Minas Gerais, Vale do Jequitinhonha e Bahia, idealizado e conduzido pelo professor Dr. Warley.

Atualmente, graças a Deus e ao incentivo desses amigos, estou cursando o mestrado em Artes da Cena e desenvolvendo um projeto muito especial.

Dentre tantas gratificações no exercício de lecionar Artes, a maior delas certamente é ver o crescimento dos meus estudantes. Nestas imagens abaixo, uma cena que se repete ao longo dos anos: quando eles conquistam algo – ainda que não seja diretamente relacionado à disciplina de artes – gostam de registrar e celebrar comigo. A isso eu atribuo o poder do afeto nos vínculos verdadeiros.



Agora, em abril de 2024, estamos tecendo esse memorial, porque até aqui nos **ajudou o Senhor**.

Com amor,
Carmen Lucia Crespo Pinto